



Aprovado
por unanimidade
1 ✓

Voto de Pesar

Celeste Caeiro, a Mulher dos Cravos de Abril

Faleceu aos 91 anos, no passado no passado dia 15 de novembro, Celeste Caeiro, conhecida como a Celeste dos Cravos. Militante Comunista, mulher trabalhadora, de convicções fortes, Celeste Caeiro enfrentou uma vida de dificuldades com perseverança. A sua generosidade e afabilidade ficarão na memória de todos.

Celeste Martins Caeiro nasceu em Lisboa a 2 de maio de 1933, oriunda de uma família humilde, e viveu grande parte da sua vida em Lisboa. No dia 25 de Abril de 1974, manhã cedo, levantou-se para ir trabalhar e acabou a distribuir cravos pelos militares revoltosos, num gesto com um extraordinário simbolismo, que viria a projetar a Revolução de Abril em todo o mundo, desde então conhecida como a “Revolução dos Cravos”, que pôs fim ao regime fascista em Portugal. Foi um prenúncio da aliança, determinante na Revolução, entre o povo português e o Movimento das Forças Armadas (MFA).

Segundo a própria Celeste, que teve ocasião de contar a sua história em numerosas entrevistas e visitas a escolas da cidade e do País: «Eu trabalhava num restaurante na Rua Braamcamp. A casa fazia um ano nesse dia e os patrões queriam fazer uma festa. O gerente comprou flores para dar às senhoras, enquanto aos cavalheiros se daria um Porto. Nesse dia, quando chegámos, o patrão explicou que não ia abrir o restaurante, porque não sabia o que estava a acontecer, e disse-nos para levarmos as flores connosco. Chegámos ao armazém e vimos que eram cravos vermelhos e brancos. Cada um levou um molhe.»

A mulher que viria a ser conhecida como a “Celeste dos Cravos” não foi para casa. Apanhou o Metro para o Rossio e rumou ao Chiado, onde se deparou imediatamente com veículos militares. Conta que se aproximou de um dos veículos militares perguntando o que se passava, ao que um militar terá respondido: «Nós vamos para o Carmo para deter o Marcelo Caetano. Isto é uma revolução!». O soldado pediu-lhe, ainda, um cigarro, mas Celeste não tinha. Celeste queria comprar-lhes qualquer coisa para comer, mas as lojas estavam todas fechadas. Assim, deu-lhes as únicas coisas que tinha para lhes dar: os molhos de cravos, dizendo: «Se quiser tome, um cravo oferece-se a qualquer pessoa».

O resto da história é por demais conhecida, o soldado aceitou e pôs a flor no cano da espingarda.

Celeste foi dando cravos aos soldados que ia encontrando, desde o Chiado até ao pé da Igreja dos Mártires. Ainda, segundo as palavras da Celeste: «Correu tudo muito bem. Tinha de correr, pois os cravos estavam nas espingardas e elas assim não podiam disparar...».

Celeste Caeiro ficará para sempre associada à história e memória do 25 de Abril e da liberdade no nosso País.



Nos 50 anos da Revolução de Abril, os vereadores do PCP na Câmara Municipal de Lisboa apresentaram uma proposta, que foi aprovada por unanimidade, em maio deste ano, para que fosse prestada a justa homenagem a Celeste Caeiro, com um monumento evocativo e, nesse sentido, lhe fosse também atribuída uma condecoração com a Medalha de Honra da Cidade, que lamentavelmente não lhe chegou a ser entregue.

Assim, os eleitos do PCP na Assembleia de Freguesia da Ajuda propõem que a Assembleia de Freguesia, reunida a 10 de dezembro de 2024, delibere:

- 1 – Manifestar o seu profundo pesar pelo falecimento de Celeste Caeiro, expressando à sua família e amigos as mais sentidas condolências, guardando um minuto de silêncio em sua memória;
- 2 – Recomendar à Câmara Municipal de Lisboa a atribuição a título póstumo a condecoração que lhe é devida, a Medalha de Honra da Cidade, bem como homenagear com um monumento evocativo, tal como deliberado em Reunião de Câmara.
- 2 – Remeter o presente voto pesar à sua família e ao Partido Comunista Português.